

Intersubjetividade e reconhecimento do Outro na narrativa de Eliane Brum

Intersubjectivity and recognition of the Other in the narrative of Eliane Brum

Mauro de Souza Ventura¹
mauroventura@faac.unesp.br

Tayane Aidar Abib¹
tayaneaabib@gmail.com

RESUMO

O presente artigo se dedica a refletir sobre a prática jornalística a partir dos valores manifestos pela dinâmica produtiva de Eliane Brum. Ao evidenciar os traços e os movimentos característicos a sua narrativa, objetiva analisar a possibilidade de articulação dos conceitos de encontro dialógico e compreensão intersubjetiva ao cenário profissional. Nesse sentido, desenvolve um estudo teórico acerca da filosofia Buberiana, com foco no princípio do diálogo e da palavra-princípio Eu-Tu, em conciliação com os apontamentos de Morin, Sodr e e K unsch a respeito do método compreensivo. Em seguida, a proposta conceitual   aplicada na análise interpretativa das narrativas de Eliane Brum reunidas no livro-coletânea “A menina quebrada” (2013), de modo a destacar que tais entrelaamentos permitem pensar produ es textuais situadas na esfera do jornalístico-literário abertas   reciprocidade dialógica e ao reconhecimento do Outro.

Palavras-chave: teorias do jornalismo, filosofia do diálogo, epistemologia compreensiva, Eliane Brum.

ABSTRACT

The present article is dedicated to reflect on the journalistic practice based on the values manifested by the productive dynamics of Eliane Brum. When evidencing the characteristic traits and movements of her narrative, it aims to analyze the possibility of articulating the concepts of a dialogical encounter and intersubjective understanding to the professional scenario. In this sense, it develops a theoretical study on Buber’s Philosophy, focusing on the principle of dialogue and the word-pairs ‘I-Thou’, in conciliation with the notes of Morin, Sodr e and K unsch about the comprehensive method. Then, the conceptual proposal is applied in the interpretative analysis of the narratives of Eliane Brum, gathered in the book “A menina quebrada” (2013), in order to highlight that such interlacings allow to think textual productions located in the sphere of journalistic-literary open to the Reciprocity and the recognition of the Other.

Keywords: theories of journalism, philosophy of dialogue, comprehensive epistemology, Eliane Brum.

¹ Universidade Estadual Paulista J lio de Mesquita Filho. Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa, 17033-360, Bauru, SP, Brasil.

Introdução

Este artigo se dedica a refletir sobre a possibilidade de articulação dos conceitos de dialogia (Buber) e compreensão (Morin, Sodré, Künsch) com o campo jornalístico, a partir da dinâmica produtiva de Eliane Brum. Neste sentido, busca investigar sua prática narrativa, de modo a evidenciar como essas conciliações se manifestam em seus escritos, especificamente naqueles reunidos no livro-coletânea *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum* (2013).

Para tanto, desenvolve um primeiro percurso teórico pelos estudos que versam sobre o fenômeno da relação e da compreensão intersubjetiva, sob a chave propositiva de entrelaçar a filosofia de Martin Buber (1979, 1982) e a sociologia de Morin (2002, 2007), presente também em Sodré (2006) e Künsch (2010), desdobrando tais apontamentos em inferências acerca do acolhimento do Outro no plano das narrativas de Brum.

Essas análises compõem um projeto de pesquisa² mais amplo, cujos trabalhos consistem em caracterizar os valores fundantes da prática jornalística de Eliane Brum e identificar aspectos de divergência entre seus procedimentos e a cultura noticiosa partilhada pela comunidade profissional, designada por Traquina (2008) de tribo jornalística. A esse *modus operandi* específico, referimo-nos como Jornalismo de Desacontecimentos³: um universo conceitual de traços e movimentos característicos às narrativas de Brum, que busca traduzir sua escolha por uma cobertura de fatos não-marcados pelos critérios de noticiabilidade, isto é, aqueles que não resultam do “código de produção dos acontecimentos”, que não são “relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (Sodré, 2009, p. 76).

Interessa-nos, portanto, situar a presente reflexão no âmbito investigativo dos desacontecimentos, de forma a destacar os dispositivos dialógicos e compreensivos como parte dos processos produtivos de Brum e, neste sentido, delimitados como recursos jornalísticos para uma mirada alternativa à abordagem dos meios tradicionais – e não como uma proposta de universalização aos conteúdos e práticas noticiosas.

Discute-se, assim, a possibilidade de incorporação de elementos intersubjetivos a narrativas cujos contornos partilhem da visada propositiva de Brum. Isso porque

se acredita na escrita de Brum (2013, p. 13) - “sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados” – como um caminho para a experiência do reconhecimento, do diálogo e do encontro compreensivo com o Outro.

O encontro dialógico: apontamentos sobre a filosofia da relação em Buber

Da reflexão filosófica à prática jornalística, um espaço comum se projeta na discussão sobre o lugar do outro, na realização existencial ou na tessitura da narrativa. Elemento indispensável para o fenômeno da relação, o outro é quem me garante a possibilidade do vínculo; de tal forma essencial que, para Martin Buber (1979), o estar-com-o-outro é fato primitivo, o princípio de tudo. O homem, neste sentido, só existe em virtude do Tu: “o Tu se apresenta ao Eu como sua condição de existência, já que não há Eu em si, independente; em outros termos, o si-mesmo não é substância, mas relação” (p. 49).

E é através da palavra que o homem se introduz na existência, ela é o lugar onde o ser se instaura como revelação. Isso porque, segundo a filosofia Buberiana, nossa atitude diante do mundo se atualiza de acordo com a palavra-princípio que escolhemos assumir, o Eu-Tu ou o Eu-Isso: “a palavra-princípio, uma vez proferida, fundamenta um modo de existir” (1979, p. 45). Trata-se, portanto, de um ato efetivo: ao conceber o outro como Tu, envolvo-me numa ação recíproca, de confirmação mútua; ao optar pelo Isso, insiro-me na experiência objetivante e na utilização.

Sob o prisma de Buber, neste sentido, “a alteridade essencial somente se instaura na relação Eu-Tu; no relacionamento Eu-Isso, o outro não é encontrado como outro em sua alteridade” (1979, p. 52). Quando digo Tu ao outro, aceito-o irrestritamente, com a totalidade do meu ser, e também por ele sou assim aceito. A essa relação, capaz de realizar plenamente o Eu, Buber se refere como encontro dialógico ou relação inter-humana, “onde a invocação encontra sua verdadeira e plena resposta” (1979, p. 55). Nela, percebe-se e aceita-se o outro “na sua totalidade, na sua unidade e sua unicidade” (1982, p. 8).

² Desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, sob processo nº 2015/12073-8.

³ Ao optar por essa linha de investigação, priorizamos um olhar reflexivo às teorias do jornalismo e aos manuais da profissão, buscando uma contrapartida ao agendamento midiático e à padronização das etapas de apuração, entrevista e redação; apontadas, respectivamente, como os saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, por Traquina (2008).

Vive-se, assim, uma dimensão de plena reciprocidade, quando o indivíduo “experiencia a relação também ‘do lado do outro’, sem, contudo, abdicar à especificidade própria. [...] Numa situação dialógica, o homem que está face a mim nunca pode ser meu objeto” (Buber, 1979, p. 8).

O dialógico não se limita ao tráfego dos homens entre si; ele é – é assim que demonstrou ser para nós – um comportamento dos homens um-para-com-o-outro, que é apenas representado no seu tráfego. Assim sendo, mesmo que se possa prescindir da fala, da comunicação, há, contudo, um elemento que parece pertencer indissoluvelmente à constituição mínima do dialógico, de acordo com seu próprio sentido: a reciprocidade da ação interior. Dois homens que estão dialogicamente ligados devem estar obviamente voltados um-para-o-outro (Buber, 1982, p. 40).

O encontro genuíno nos possibilita tomar conhecimento do caminho do outro, “tatear para fora dos contornos de si mesmo” (Buber, 1982, p. 55). Quando se vive dialogicamente, portanto, “mesmo no grande vazio [...] não se é abandonado pela presença, rica em metamorfoses, do Outro que o confronta” (p. 54). A filosofia Buberiana, nessa vertente, ensina sobre o movimento de “sair-de-si-em-direção-ao-outro”, de “alcançar-o-outro”, de “permanecer-junto-ao-outro” (p. 55), acolhendo-o em sua existência específica.

O principal pressuposto para o surgimento de uma conversação genuína é que cada um veja seu parceiro como este homem, como precisamente este homem é. Tomo conhecimento íntimo do fato que ele é outro, essencialmente outro do que eu e essencialmente outro do que eu desta maneira determinada, única, que lhe é própria [...] Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda sua concretude (Buber, 1982, p. 146-147).

A reciprocidade da ação, completa Buber (1982, p. 152), é o que possibilita a compreensão adequada da natureza humana. Isso porque, nesta função de abertura

entre os homens, elimina-se o interesse em impor-se ao outro e realiza-se o auxílio ao vir a ser do outro, “o que leva o inter-humano à sua verdadeira altura”.

Lévinas (1993, p. 49) fala em “desejo” para se referir ao movimento fundamental que um homem faz em relação ao outro - “o elã puro, a orientação absoluta, o sentido”: “a relação com o Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas”. O pensador propõe a ética da alteridade como um abrir-se ao outro, na experiência de sentir no Eu a infinitude do outro. O verdadeiro sentido do ser encontra-se, deste modo, na relação que não reduz o outro ao mesmo, mas que assume o risco das diferenças e se responsabiliza por ele.

A explicitação do sentido que um outro eu, que não eu, tem para mim – eu primordial – descreve o modo pelo qual Outrem me arranca da minha hipóstase, do aqui, do coração do ser ou do centro do mundo onde, privilegiado e, neste sentido, primordial, eu me coloco [...] Sou eu que passo ao segundo plano: eu me vejo a partir do outro, exponho-me a outrem, tenho contas a prestar (Lévinas, 1997, p. 123).

Na filosofia de Lévinas, portanto, a alteridade se revela como um despojar-se de si próprio na busca por reconhecer o Rosto⁴ do Outro, na qual a compreensão se traduz como uma responsabilidade por esse outro. Responsabilidade essa, afirma o autor, incondicional e anterior ao estar presente em si mesmo, não assumida pelo ser em nenhum momento, aquela que guarda o segredo da socialidade: o encontro com Outrem “é imediatamente minha responsabilidade por ele. A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo, amor em que o momento ético domina o momento passional” (Lévinas, 1997, p. 143).

O que me importa está na responsabilidade por outrem como um engajamento mais antigo que toda deliberação memorável constitutiva do humano. É evidente que há no homem a possibilidade de não despertar para o outro; há a possibilidade do mal. O mal é a ordem do ser simplesmente – e, ao contrário, ir na direção do outro é a abertura do humano no ser (Lévinas, 1997, p. 156).

⁴ Para Lévinas, o rosto é a representação da alteridade: é como o outro se manifesta a mim, em sua infinita transcendência. No Rosto do outro homem “a minha responsabilidade é lembrada” (1997, p. 296).

Está-se diante, assim, nas próprias palavras do pensador, de uma “fenomenologia da socialidade” (1997, p. 217). Trata-se de uma radicalidade em que o “eu, enquanto sujeito da ética, é responsável por tudo em relação a todos, sua responsabilidade é infinita. Ela não é o que se chama de agradável, certamente não é divertida, mas ela é o bem” (Lévinas, 1997, p. 270).

Apesar das especificidades⁵ nas reflexões de cada autor, buscou-se evidenciar aqui aspectos que podem ser considerados e incorporados nos estudos em Comunicação. Em concordância com o que alerta Medina (2008, p. 6) - “se os meios são de comunicação, que se encare então o que é comunicar, interligar” -, é preciso que se discuta o lugar, e a ausência de lugar, do outro, do diálogo e da intersubjetividade nos conteúdos jornalísticos – especificamente, e sobretudo, naqueles interessados em retratar histórias de vida ou as narrativas do real.

O método compreensivo: vinculação e reconhecimento do Outro

Dedica-se, agora, um espaço de reflexão em torno do conceito de compreensão. Acredita-se que este estudo entrelaça-se com os princípios abordados anteriormente sobre a relação dialógica com o Tu: para torná-lo presença em mim, é preciso lançar-me ao desafio de compreender. A atitude de experienciar também do lado do Outro exige abertura – a marca identitária da compreensão intersubjetiva (Morin, 2002), concepção foco de nossas análises.

Ao inserir a compreensão na dimensão do sensível, Sodré (2006, p. 52) torna nítidos os seus traços de distinção para com a ideia de entendimento. Esse, segundo o autor, tal qual a explicação, obtêm-se a partir de nossos habituais quadros conceituais. “A compreensão, porém, fica além desses circuitos autolegitimativos, fora dos puros atos de linguagem”.

*Compreender significa agarrar as coisas com as mãos, abarcar com os braços (do latim *cum-prehendere*), isto é, dela não se separar. [...] Na compreensão o fenômeno guarda a sua singularidade, isto é, a sua unicidade incomparável e irrepetível. O requisito essencial da compreensão é, assim, o vínculo com a coisa que se aborda,*

com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo (Sodré, 2006, p. 68).

Diante dessas significações, Morin (2002) coloca o problema da compreensão como uma das finalidades da educação do futuro. A compreensão de que fala o pensador francês não é a compreensão intelectual ou objetiva, com que estamos acostumados. Não se trata, como já referenciado anteriormente em Sodré, da compreensão que passa pela explicação e pela inteligibilidade. A compreensão para que alerta o autor é humana e intersubjetiva, aquela que quer apreender em conjunto, o texto e o seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno: “a compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas. É insuficiente para a compreensão humana. Esta comporta um conhecimento de sujeito a sujeito” (Morin, 2002, p. 94).

A partir dela, espera-se que o indivíduo se coloque diante do Outro não de modo objetivo, mas que seja capaz de percebê-lo como um sujeito com o qual se identifica – e que se identifica nele: “compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (Morin, 2002, p. 95). Aspira-se, assim, como diz Morin, a que o *ego alter* torne-se *alter ego*; na tentativa de romper com os obstáculos intrínsecos à experiência da compreensão:

São não somente a indiferença, mas também o egocentrismo, o etnocentrismo, o sociocentrismo, que têm como traço comum se situarem no centro do mundo e considerar como secundário, insignificante ou hostil tudo o que é estranho ou distante. [...] A incompreensão de si é fonte muito importante da incompreensão de outro. Mascaram-se as próprias carências e fraquezas, o que nos torna implacáveis com as carências e fraquezas dos outros (Morin, 2002, p. 96-97).

Para Martino (2010, p. 8), o reconhecimento do outro como igual é o primeiro passo no sentido de se procurar compreendê-lo:

É preciso buscar, no interior dos sujeitos, os critérios e concepções de formulação desse discurso.

⁵ Sobre as diferenças entre os dois pensamentos, cabe dizer que o Eu-Tu Buberiano é formal, recíproco e espiritualista, enquanto para Lévinas, essa relação é assimétrica e antecedida pela responsabilidade.

Por que esse e não outro? Por que meu interlocutor enquadra a realidade dessa maneira e não de outra? O que há de fascinante nessa visão que não é minha e, ao mesmo tempo, na qual estou enquanto interlocutor? (Martino, 2010, p. 8).

Em consonância, Künsch se dedica ao desafio de uma teoria do conhecimento fundada no método da compreensão, resistente ao pensamento de tipo mecânico e redutor, que se anuncia companheira das buscas por uma práxis inovadora, e que se pauta na “abertura para tentar ver o que o outro está vendo, conhecer o mundo pelo conhecimento do outro” (Martino, 2014, p. 24), “tentar ver nele a mesma complexidade que reivindicamos para nós, e suportar a mesma falta de lógica, de coerência e de sentido da qual damos mostra”.

O pensamento cognitiva e eticamente compreensivo, que avalia como nociva a compulsão analítico-explicativa, entende-se bem com a ancestral necessidade humana de contar histórias, tecer sentidos, narrar o mundo e a vida. As narrativas – em qualquer área do saber e da experiência –, além de lançar luz sobre os sentidos possíveis das coisas, conseguem revelar o teor das interrogações que os seres humanos levantam sobre as grandes e às vezes muito ordinárias questões que os preocupam e ocupam. Articulam sentidos possíveis em dado momento da história e da cultura. Abrem, não fecham (Künsch, 2010, p. 21).

Acredita-se, por isso, que, no âmbito das práticas jornalísticas, a articulação do valor intersubjetivo e dialógico com o método compreensivo pode resultar na tessitura de produções interessadas no acolhimento do Outro – sob a configuração de narrativas de ou sobre a vida, que busquem uma aproximação sensível à realidade diversa. Em concordância com o que diz Eliane Brum (2013, p. 130): “o tornar-se homem só se completa no reconhecimento da história de cada um pelo outro”.

Conciliações possíveis na narrativa de Eliane Brum

Nesta última etapa de investigação, esperamos realizar uma interface entre esses princípios teóricos e as produções de Brum, com foco em seu trabalho reunido no livro “A menina quebrada”. Devido à quantidade de textos presentes na obra – 64 ao total –, selecionamos nove

colunas que, acreditamos, melhor representam a proposta de nosso artigo. Antes de dar início às análises, entretanto, fazemos uma ressalva quanto à configuração dos escritos de Brum. Seus textos arriscam-se a pensar no quadro envolvente das multicausalidades, dos múltiplos ângulos e perspectivas; e, por isso, defendemos, caminham pelas vertentes da complexidade (Morin, 2007; Künsch, 2010) e do saber plural (Medina, 2006).

Talvez como colunista, eu seja então uma das desidentidades. Eu escrevo sobre a vida misturada, para além dos escaninhos das editoriais, e com mais de um estilo, porque cada história pede um ritmo diverso e palavras próprias. E acho que nunca me misturei tanto quanto ao escrever essa coluna [...] Qualquer jornalista sabe que uma boa reportagem ou um bom ensaio ou uma boa coluna é misturada, porque a vida não se deixa compartimentar (Brum, 2013, p. 15).

Neste sentido, não atemo-nos a uma classificação específica para suas colunas. Em alguns momentos, podemos identifica-las como ensaios, como uma forma de organizar o raciocínio que “faz com que o autor reflita sobre o que escreve e procure por sua compreensão, por meio de um diálogo mais amplo sobre o tema. [...] Não uma explicação, não uma definição fechada” (Volponi, 2014, p. 111). Em outros, percebemos semelhanças para com a proposta de reportagensaio, de Vargas (2014, p. 96), em que se “mergulha e estabelece o diálogo no fundo da experiência humana, com todos os detalhes possíveis em um esforço de compreensão do viver [...] nunca podemos falar de fora sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos”.

Para além de tais denominações, assumimos as colunas de Brum como narrativas, na linha do que coloca Medina, marcadas desde o início, como ela mesma afirma, “pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião” (Brum, 2013, p. 14).

Uma definição simples de narrativa é aquela que a compreende como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o sapiens organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante as inviabilidades da vida (Medina, 2006, p. 67).

Evidenciamos, assim, em seu percurso como colunista, a presença do movimento da reportagem característico de seu trabalho no jornalismo impresso - o despojamento do eu-repórter para se preencher pelos sentidos do outro -, e acreditamos em suas produções como narrativas abertas ao reconhecimento e à compreensão que integra caminhos. É o que pretendemos demonstrar a seguir.

“A menina quebrada”: análise e interpretações

Alguns dos escritos de Brum, conforme adiantamos anteriormente, revelam não apenas a história de outros, mas também a sua própria: “acredito que nós, repórteres, que pedimos aos outros a generosidade de compartilhar suas histórias mais íntimas e dolorosas com o mundo, temos de ter a grandeza de nos expor” (Brum, 2013, p. 95).

Entrecruzam, assim, trajetórias distintas em um compasso comum, lembrando-nos de que somos todos parte de uma teia inseparável de relações. Como fio condutor, são perpassadas e impulsionadas pela pergunta que sempre moveu Brum como repórter: “descobrir o que dá sentido à existência de cada um e compreender como cada pessoa – em geral com muito pouco – reinventa a sua história [...] o que busco é a poesia – singular, única e intransferível – que cada um arranca dos dias” (Brum, 2013, p. 197).

E nessa procura, o olhar generoso à realidade do Outro figura como valor central em sua narrativa, como se identifica na coluna que dá o nome à obra em questão. Nela, Eliane Brum nos convida a refletir sobre as marcas de uma vida vivida, sobre as quebras que carregamos conosco, em um texto que aprofunda o pensar sobre as relações humanas e também sobre a nossa capacidade de reinvenção - simbólica e concreta.

A coluna parte do espanto de sua afilhada, Catarina Zandonadi, de quase dois anos, ao perceber uma garota, Gabriela Longo, com a perna engessada. E retrata o esforço dos familiares, e da própria Eliane, em explicar para ela que a menina não estava quebrada e logo voltaria a ser como era antes. “Era a primeira vez que eu mentia para ela [...] o que eu poderia dizer a você, Catarina? A verdade? A verdade você já sabia, você tinha acabado de descobrir. As pessoas quebram [...] você também pode quebrar” (Brum, 2013, p. 426).

Em uma espécie de carta aberta, à Catarina e aos seus leitores, Brum imerge no emaranhado subjetivo que

nos tece e reconhece as fragilidades que nos levam a ser quem somos:

Membros invisíveis podem fraturar em tantos pedaços [...] e doer muito mais. E doem mais quando são outros que quebram você [...] gente cheia de medo, Catarina, que tem tanto pavor de quebrar, que quebram os outros para manter a ilusão de que são indestrutíveis e podem controlar o curso da vida [...] Depois de quebrar, nunca mais voltamos a ser como era antes [...] Existe gente, Catarina, que não consegue dar sentido, ou acha que os farelos de sentido que consegue escavar das pedras são insuficientes para justificar uma vida humana, e quebra. Quebra por inteiro. Estes você precisa respeitar, porque sofrem de delicadeza [...] Ser forte, Catarina, não é quebrar os outros, mas saber-se quebrado. É ser capaz de cuidar dos seus barcos de papel – e também do barco de outros (Brum, 2013, p. 426-427).

Transparece, assim, neste registro, a compreensão de Brum quanto ao valor de nossa interdependência, e o reconhecimento devido ao significado singular encontrado por cada um para rearranjar seus pedaços, novos e velhos. “Vai chegar um momento, em que você vai olhar para todos nós [...] e vai perceber que nós todos vivemos em cacos. E eu espero que você possa nos amar mais por isso” (Brum, 2013, p. 427).

A sensibilidade manifesta em seu discurso narrativo é materializada no relato que encerra essa coluna. O encontro de Brum, na fila de um supermercado, com um homem vestido com roupas velhas e sujas, parte delas quase farrapos. “Ficamos com medo de que tentassem tirá-lo dali [...] ou que o tratassem com rispidez [...] como sabemos que acontece e jamais poderia acontecer” (Brum, 2013, p. 427). Descreve Brum que, “com toda educação, mas com os olhos dolorosamente baixos”, ele pediu para passar a sua frente na fila, já que estava com pouca coisa:

Quando lhe demos passagem, vimos que o homem não tinha pouca coisa. Ele só tinha uma. Sabe o que era, Catarina? Um sabonete [...] Aquele homem, que parecia ter perdido quase tudo, aquele homem talvez ainda mais quebrado que a maioria, porque tinha perdido também a possibilidade de esconder suas fraturas, o que ele fez? Quando conseguiu juntar uns trocados, escolheu comprar um sabonete [...] E talvez você me pergunte como

continuar ou porque continuar, mesmo quebrada. E eu vou poder lhe dizer, Catarina, pelo menos uma verdade: por causa do sabonete (Brum, 2013, p. 428).

Por acreditar na vida como “primeira ficção” (2013, p. 162), Brum se dispõe a olhar e apreender as pequenas sutilezas que formam e sustentam vidas. “Cada um encontra seu caminho [...] pode não ser o seu caminho, mas isso não o impede de olhar para a saída encontrada pelo outro com o profundo respeito que ele merece” (2013, p. 121).

Em outra coluna, “Uma história de luz”, Brum fala sobre o jornalismo como “reconhecedor de vidas, em palavras” (2013, p. 129), a partir da história de Luciano Felipe da Luz – jornalista e jornalista do “Boca de Rua”, um projeto da ONG Alice, de Porto Alegre, iniciado em 2000, de produção e venda de um jornal, pelos próprios moradores, sobre seu mundo, até então invisível. A trajetória de Luciano é contada por Brum desde quando ele ainda era Mercedez, um menino que cresceu nas ruas sem nunca ser percebido: “há várias formas de não ver um outro. Deixamos de reconhecer um homem quando pensamos que sua dor não nos diz respeito. E só ao desconhecer o outro como um igual que a desigualdade de condições de vida se torna aceitável, comum, banal e, principalmente, alheia a nós” (2013, p. 131).

Escreve Brum que tudo o que Mercedez conhecia era ser “marcado por um olhar que não via. Porque entre as piores formas de não ver alguém está aquela que só enxerga seu estereótipo”; mas que sua vida foi resgatada quando se tornou Luciano, “jornalista e jornalista”, através do projeto da ONG. “Parecia pouco, era tudo. O suficiente para cuidar do seu corpo, agora que ele era constituído também por palavras, essas cicatrizes da alma” (2013, p. 132). E na descrição de Luciano, Brum encontrou a sutileza de sua identidade, o seu sentido: “ao colocar no mesmo patamar o jornalista e o jornalista, ele intuiu que escrever e ser lido eram partes do mesmo mistério” (2013, p. 130).

Apesar da morte precoce, pela Aids que já o devastava há tempo demais, completa Brum que ele morreu na luz, e que sua vida foi registrada por escrito no jornal. “O que nos faz o que somos? A narrativa, a capacidade de nos contarmos. Mas não só. O tornar-se homem só se completa na possibilidade de ser lido, no reconhecimento [...] porque só somos no outro. E o outro só é em nós”.

Em outras duas colunas, “Pedófilo é gente?” e “Tapas e beijos”, Brum se dedica a temas complexos, de

violência e agressão, na busca por adentrar a superfície: “quando nos dispusermos a enxergar além da primeira camada de obviedade, os sentimentos fáceis desaparecem. E começam os conflitos. Acredito que são os conflitos que nos levam além” (Brum, 2013, p. 90). No primeiro texto, a jornalista recorda uma grande reportagem que fez, em 1997, sobre abuso sexual infantil. “Eu não queria entrevistar apenas as vítimas, queria escutar também os abusadores” (p. 88). Decidiu escrever sobre o tema, afirma, “porque parece que um aspecto foi esquecido – ou quase. O sofrimento” (p. 87).

A narrativa resgata a humanidade do Outro, difícil de aceitar e apreender nesses casos extremos: “é bem difícil olhar com compaixão para um homem ou mulher que usou de sua autoridade e poder para abusar sexualmente de uma criança [...] mas acho que precisamos tentar” (Brum, 2013, p. 89). E nos conduz a resistir à divisão do mundo entre bons e maus, característicos de uma simplicidade falsa que só obstrui a verdadeira compreensão: “nunca me recuperei dessa reportagem [...] principalmente por causa da quantidade e da intensidade da dor. Eu esperava o sofrimento das vítimas. Nada me preparou para o sofrimento dos ‘monstros’. Não de todos, é preciso dizer [...] mesmo estes, continuam humanos” (p. 88).

Na segunda coluna, que parte do filme “Amor?”, Brum também ressalta a necessidade de fugir da simplificação, “tão mais fácil para todos nós” (Brum, 2013, p. 163), nos casos de violência contra mulher. Trata da violência - não daqueles casos que viram manchete de jornal - que “também é nossa”, de submissão simbólica. “É ruim para a mulher se ela só for vista como vítima – e só se enxergar como vítima [...] acho difícil conseguir romper a violência se não encontrarmos o que há de ativo mesmo na nossa passividade” (p. 165). E da tentativa, sempre permanente, de atravessar a rua de si mesmo em direção a do Outro: “mas acredito que seja importante escutar o que dizem os agressores – e escutar para além do pensamento que descarta narrativas como essa como mera canalhice” (p. 165).

Ainda nesta lógica de complexidade, e com relação à humanidade e a preservação dos direitos fundamentais de todos os homens, Brum escreve sobre “A imprensa que estupra”, a condenação sem julgamento e o linchamento público, via TV, como uma das formas mais apreciadas de exercer a violência. No texto, a discussão sobre a frase da repórter Mirella Cunha, do Brasil Urgente – “não estuprou, mas queria estupro”, a um jovem de 18 anos que diz que arrancou o celular e a corrente de ouro de uma mulher, mas repete que não a estupro. Um “exemplo

de mau jornalismo do começo ao fim” (Brum, 2013, p. 333) e a reflexão sobre o uso do microfone e da caneta também para cometer violências sem marcas visíveis: “não são os únicos a violar direitos previstos em lei, especialmente contra presos e contra favelados e moradores das periferias do Brasil [...] os mais frágeis”. Em pauta, a responsabilidade de todos nós no, cada vez menos raro, tribunal midiático.

Em “Na pele do outro”, evidenciamos com maior clareza a busca do encontro, por parte de Eliane Brum, com este Outro que, nas palavras de Morin (2003, p. 77), “já se encontra no âmago do sujeito [...] como uma necessidade interna”. A coluna retrata uma cena em um shopping de São Paulo. “Era um homem velho. Mas mais do que velho, era um homem doente. Cada um dos seus passos se dava por uma coragem tão grande, porque até o pé aterrissar no chão me parecia que ele poderia cair” (Brum, 2013, p. 175). Somado a isso, Brum descreve a presença de uma peruca malfeita, que “doía, porque havia uma vaidade nele, a preocupação de ocultar a nudez da cabeça”, e de uma fralda geriátrica, exposta a cada um de seus passos: “ele avançava como uma denúncia claudicante da fragilidade de todos nós”.

Nos risos das pessoas que se cutucavam ao olhá-lo, Brum desvela “as pequenas maldades do cotidiano”, “os pequenos massacres de todo dia” (p. 176), o reflexo que aquele homem desconhecido - que deixara sua casa e atravessava o shopping com “seus melhores esforços” - enxergaria no olhar que o outro lhe devolve e a sua aniquilação, “porque tudo o que veem nele não é um homem tentando viver, mas uma chance de garantir superioridade e diferença”.

Ao afirmar que “a vida doeria um pouco menos, se cada um se esforçasse para vestir a pele do outro antes de rir, apontar e cutucar o colega para que não perca a chance de desprezar um outro, em geral mais vulnerável” (2013, p. 177), Brum defende um jeito de estar no mundo e de se relacionar com o outro “disposto a se deixar tocar e assumir os riscos de se deixar tocar” (p. 178). A narrativa incorpora, assim, a possibilidade de compreensão de que fala Morin (2003, p. 78): “permite reconhecer o outro como sujeito e senti-lo como outro si mesmo. A compreensão só pode ocorrer na intersubjetividade”. Abre-se, portanto, ao “deixar transtornar e transformar pelo outro” (Brum, 2013, p. 178), acolhe os sinais de confirmação mútua - “a fragilidade dele também é a delas (das pessoas que riram), a de cada um e a de todos nós” - e, mais uma vez, destaca o movimento dialógico do sair-de-si-mesmo.

O esforço de Brum em aprofundar-se e “estar afeto a” (Medina, 2006) também pode ser ilustrado no registro sobre Antonia Melo, uma das lideranças do Xingu, em “Quem tem medo de Dilma dinamite?”. “O Brasil não sabe, porque ela vive bem longe do poder central, mas todos nós temos uma dívida histórica com Antonia, que há décadas luta pelos direitos humanos em uma das regiões mais conflagradas da Amazônia” (Brum, p. 233). Na coluna, Brum escreve sobre seu encontro com Antonia, em Altamira, e sobre uma viagem a Brasília, para tratar da viabilidade da construção de Belo Monte, com a então ministra Dilma Rousseff.

Os olhos de Antonia se encheram de lágrimas e sua voz embargou. Fiquei pensando no que poderia causar tanta dor àquela mulher que enfrentava grileiros de peito aberto [...] só depois de ouvir o relato que compreendi que, para alguém com a dignidade de Antonia Melo, o sentimento de ser traída poderia ser devastador [...] compreendi que sua emoção se devia à lembrança de humilhação e à descoberta de autoritarismo do governo que ela tinha apoiado (Brum, 2013, p. 234).

Com a narrativa, a tentativa de “dar minha contribuição para que essas vozes que tentam alcançar Dilma, mas que por ela têm sido repelidas, pudessem ser escutadas – se não pela presidente, pelo menos pela sociedade” (Brum, 2013, p. 238), e, por reconhecer que o que acontece na floresta repercute em todo Brasil, o compartilhamento da “angústia dessas mulheres do Xingu”.

Nosso comportamento de desqualificar e rechaçar o Outro, em vez de tentar compreender, ambienta a coluna sobre a morte de Aaron Swartz, aos 26 anos, cuja grande luta era política: dar acesso livre ao conhecimento pela internet. Foi processado por crimes de fraude eletrônica e obtenção ilegal de informações e poderia ficar preso por 35 anos. Morreu antes. “Se é perigoso encontrar um culpado para uma escolha tão complexa quanto o suicídio, também é perigoso quando a depressão é vista como algo apartado da vida vivida – e a patologia é colocada a serviço da simplificação” (p. 421). Em “Perdão, Aaron Swartz”, Brum empreende um percurso reflexivo sobre o “significado da tragédia de Aaron” (p. 423) e sobre o que o embate entre diferentes forças econômicas, políticas e culturais falam de nosso momento histórico: “quando lemos o que Aaron Swartz escreveu [...] é difícil não pensar: por que ele desistiu de nós? Que mundo é esse que criamos, onde alguém como Aaron Swartz acredita não

cabem? [...] Ao morrer, ele deixou também um outro legado: a denúncia do nosso fracasso” (Brum, 2013, p. 424).

Todas essas colunas – e todos os valores e métodos nelas evidenciados – podem ser simbolicamente representados pelo conteúdo manifesto em “O perigo da história única”. No texto, o cerne da proposta jornalística de Brum: a percepção de que a trajetória de uma vida contém bem mais do que os conflitos visíveis e de que “a forma como é a contada uma vida pode significar a possibilidade desta vida” (p. 75). Por isso, “compreender o poder da narrativa é o primeiro passo para construir uma vida que vale a pena. É também a chave para alcançar a complexidade – ou as várias versões – da vida do outro”.

Considerações finais

Como parte do interesse investigativo em analisar a prática jornalística de Eliane Brum, sob a vertente conceitual dos “desacontecimentos”, este artigo fundamenta-se em uma busca por refletir sobre valores e métodos divergentes daqueles difundidos no circuito da grande mídia, como uma mirada alternativa à cobertura tradicional dos fatos e protagonistas sociais.

Especificamente neste estudo, trata de evidenciar articulações entre diálogo (Buber) e compreensão (Morin, Sodré, Künsch) com o campo jornalístico, exemplificando essas conciliações nas produções de Brum, de modo a destacar a possibilidade de incorporar os dispositivos relacionais no plano das narrativas que se tecem sob tal olhar propositivo, isto  , que contam ou reflexionam sobre o Outro.

Neste sentido, percorremos considerações filosóficas e sociológicas acerca do assunto e, nas colunas que consideramos bem elucidar as associações sugeridas, buscamos identificar o jornalismo de Brum como lugar de reconhecimento do Outro, como meio para se alcançar a teia de sentidos que cada indivíduo constrói para significar sua existência. Ressaltamos, assim, o esforço da jornalista em realizar o movimento dialógico, no gesto de voltar-se-para-o-outro e de integrar-se na intersubjetividade como uma garantia para o exercício profissional. Visualizamos a possibilidade de incorporação da palavra-princípio Eu-Tu no plano dos procedimentos jornalísticos, através da experiência de imersão no signo relacional e da disposição para a escuta e para a vinculação - tal qual dá mostra a prática jornalística de Brum.

Como um par harmonizador, acreditamos em uma conexão desses valores com a compreensão, na construção de perspectivas, tal qual indica Martino (2014, p. 24), para

a “pluralidade das narrativas, dos pontos de vista e das possibilidades de se narrar/construir o mundo”. Compartilhamos, por isso, do interesse de Künsch em investigar a compreensão como episteme, um elemento fundante do ato de conhecer, e de pensar em produções jornalísticas com “menos portanto (conclusões, explicações) e mais talvez (sentido da busca, da incompletude, da necessidade de diálogo)” (Künsch, 2010, p. 19).

Caminhando por essas veredas, desejamos refletir sobre um fazer disposto a acolher a alteridade. Cientes do perigo da incompreensão e do fechamento - “em vez de escutar e aceitar, nosso comportamento habitual   sair logo cortando, com uma tesoura bem grande, o fio que aquela pessoa teceu com a maior dificuldade” (Brum, 2013, p. 116) -, atestamos a necessidade de uma transformação no modo de se colocar diante do Outro.

Referências

- BRUM, E. 2013. *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre, Arquipélago Editorial, 432 p.
- BUBER, M. 1982. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo, Perspectiva, 171 p.
- BUBER, M. 1979. *Eu e tu*. São Paulo, Cortez & Moraes, 170 p.
- KÜNSCH, D.A.; MARTINO, L.M.S. (org.). 2010. *Comunica o, jornalismo e compreensão*. São Paulo, Editora Pl iade, 292 p.
- LÉVINAS, E. 1993. *Humanismo de outro homem*. Petrópolis, Vozes, 131 p.
- LÉVINAS, E. 1997. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, Vozes, 302 p.
- MARTINO, L.M. 2010. O desafio epistemológico de compreender o outro. In: D.A. KÜNSCH; L.M.S. MARTINO (org.), *Comunica o, jornalismo e compreensão*. São Paulo, Pl iade, p. 07-10.
- MARTINO, L.M. 2014. A compreensão como método. In: D.A. KÜNSCH; G.F. AZEVEDO; P.D. BRITO; V.R. MANSI (org.), *Comunica o, diálogo e compreensão*. São Paulo, Pl iade, p. 17-37.
- MEDINA, C. 2008. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo,  tica, 96 p.
- MEDINA, C. 2006. *O signo da rela o: comunica o e pedagogia dos afetos*. São Paulo, Paulus, 197 p.
- MORIN, E. 2002. *Os sete saberes necessários   educa o do futuro*. 2  ed., São Paulo, Cortez; Brasília, Unesco, 102 p.
- MORIN, E. 2003. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 2  ed., Porto Alegre, Suina, 309 p.
- MORIN, E. 2007. *Introdu o ao pensamento complexo*. 3  ed., Porto Alegre, Sulina, 120 p.

SODRÉ, M. 2006. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, Vozes, 230 p.

SODRÉ, M. 2009. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, Vozes, 287 p.

TRAQUINA, N. 2008. *Teorias do jornalismo, Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, Insular, 213 p.

VARGAS, R.H.O. 2014. Residência no meio da compreensão... *Vem falar comigo para tecer a Reportagens*. In: D.A. KÜNSCH; G.F. AZEVEDO; P.D. BRITO; V.R. MANSI (org.),

Comunicação, diálogo e compreensão. 1ª ed., São Paulo, Plêiade, p. 91-101.

VOLPONI, R. 2014. O papel dialógico do ensaio na contemporaneidade. In: D.A. KÜNSCH; G.F. AZEVEDO; P.D. BRITO; V.R. MANSI (org.), *Comunicação, diálogo e compreensão*. 1ª ed., São Paulo, Plêiade, p. 103-113.

Submetido: 27/09/2016

Aceito: 23/02/2017